

## «O último convento da Ordem de Santiago em Palmela: dados arqueológicos da intervenção no pátio fronteiro à igreja»

### 1.Os conventos de Santiago em Palmela: o percurso histórico

Os nossos estudos histórico-arqueológicos em Palmela têm-se centrado não só na ocupação muçulmana do sítio mas também no percurso da permanência da Ordem de Santiago no castelo, desde o último quartel do séc. XII até 1834. As investigações arqueológicas até agora realizadas, primeiro na alcáçova do castelo e mais recentemente na área fronteira da igreja de Santiago, são mais eloquentes para a plena Idade Média do que para os finais do período medieval e o período moderno.

Admitimos hoje, por evidências arqueológicas e históricas, que o castelo de Palmela foi sede da Ordem de Santiago nos finais do séc. XII/inícios do XIII (1194-1217) e que, mais tarde, em 1482, aí se instalou definitivamente a cabeça da Ordem, até à extinção<sup>1</sup>.

A construção do convento e da igreja decorrerá entre 1443 e 1482, terminada no tempo em que o mestrado se encontrava nas mãos de Infante D. João, filho de D. João I<sup>2</sup>. Admite-se porém que as últimas obras, das oficinas do convento só ficaram prontas sob o mestrado do príncipe D. João, filho de D. Afonso V<sup>3</sup>.

No tempo de D. Jorge, último mestre da Ordem, o convento e a igreja foram objecto de obras de melhoramento, tanto ao nível das estruturas como da decoração arquitectónica e do recheio artístico<sup>4</sup>. Constroem-se dois terraços, designados de “miradouros”, as dependências do Paço do mestre e acrescentes na casa do Prior .

O *Regimento do Convento de Palmela*, de 1547, outorgado pelo mestre D. Jorge<sup>5</sup>, é um precioso documento para a análise da vida conventual mas também para o reconhecimento funcional dos compartimentos da “casa”. A identificação de algumas funções dos freires (celeireiro, escrivão, boticário...) e dos leigos que trabalhavam no convento (amassadeira, lavandeira, cozinheiro, barbeiro, alfaiate,

<sup>1</sup> A partir de D. João I, o mestrado da Ordem de Santiago passa para a dinastia de Avis, através da bula *In Apostolica Dignitates Speculas*, concedida pelo papa Martinho V. É nessa ocasião que o rei decide transferir a sede da Ordem de Alcácer do Sal<sup>1</sup> para Palmela, sendo mestre Mem Roiz de Vasconcelos. A *Crónica de D. João I* regista a entrega do mestrado da Ordem de Santiago a Mem Roiz (*Crónica de D. João I*, 1983: II, 289).

<sup>2</sup> Frei Agostinho de Santa Maria, *Historia Tripartita*. Off. Antonio Pedrozo Galram, 1724, Lisboa, p. 256.

<sup>3</sup> Frei Agostinho de Santa Maria, ob. cit, p. 257.

<sup>4</sup> Para detalhes sobre estes aspectos, consultar: Vítor Serrão e José Meco, *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património artístico concelhio*, Câmara Municipal de Palmela / Edições Colibri, Lisboa-Palmela, 2007.

<sup>5</sup> Maria Cristina Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*, Câmara Municipal de Palmela, 2002: 289-300

sapateiro, pedreiro, carpinteiro, azemel...) constitui um auxiliar importante do arqueólogo. Neste Regimento faz-se referência às «crastra», o que deverá indiciar a existência de um claustro no complexo conventual.

Nos anos 60 do séc. XVI não se tendo ainda concluído as obras dos dormitórios e oficinas que se haviam encetado na época de D. Jorge e nos finais da centúria o estado dos edifícios era descrito como mau<sup>6</sup>. Um orçamento de 1567<sup>7</sup> permite-nos também a recolha de dados sobre alguns espaços conventuais, sendo citados a castra, o terreiro da portaria (na igreja) e o dormitório, com celas servidas de janela, o refeitório, a cozinha, a adega, o palheiro, a caldeiraria, o celeiro, a crastra da carne, a cisterna (no convento). Repetem-se menções a artesãos e outros trabalhadores externos ao convento mas que trabalhavam nele e para ele: pedreiros, carpinteiros, tanoeiros, lavadeiras, costureiras, alfaiates, carregadores.

Depois de várias iniciativas de reparação, a persistente degradação do edificado conventual irá conduzir Filipe II à decisão da encomenda de projecto para um novo convento, em 1610, a Filipe Térzio, arquitecto régio e mestre de obras das Ordens de Santiago e de Avis<sup>8</sup>. A partir de 1629 Mateus do Couto sucede a Baltazar Álvares na condução da obra e, em 1699, será a vez do sobrinho do primeiro assumir o cargo<sup>9</sup>. É possível que destas várias direcções tenham resultado alterações na traça original de Térzio.

No contexto político do domínio filipino, as obras vão desenvolver-se muito lentamente até ao final do século XVII. Em 1696, só se tinham executado uma parte do convento, dois dormitórios e o claustro<sup>10</sup>. Os freires nunca se transferiram para outro lugar por motivo das obras, que terão ficado concluídas na primeira década de setecentos<sup>11</sup>. Na visita de D. João V, em 1711, a todo o convento, são referidas a casa da tribuna, a sala grande da livraria, as celas dos freires, o átrio anterior à porta da

---

<sup>6</sup> Lázaro Leitão Aranha, 1731, *Mesa das Três Ordens Militares de Cristo, S. Thiago e Aviz, Livro III dos Privilégios de Filipe II*, B.N.L., Cod. 10888-90, fl.78,83, 85/86.

<sup>7</sup> Joel Silva Ferreira Mata, «O orçamento do convento de Palmela para o ano de 1567. Sua afectação». *Rev. Lusíada*, Universidade Lusíada, 202, pp. 175-202.

<sup>8</sup> Térzio deveria encontrar-se já a trabalhar neste projecto desde 1596 (Sousa Viterbo, 1988, ob. cit., p. 99 e 100).

<sup>9</sup> *Ibidem*, III, fls. 162 e 257.

<sup>10</sup> IAN/TT, Chancelaria da Ordem de Santiago: Liv. 24, fls. 23v e 24.

<sup>11</sup> É desta derradeira fase da obra, de finais do séc. XVII- inícios do XVIII, a substituição do antigo retábulo quinhentista da igreja de Santiago por um retábulo de talha barroca, ao Estilo Nacional, da autoria do mestre António Rodrigues, a pavimentação em pedraria policroma e os embutidos ao estilo de João Antunes, bem como o revestimento azulejar azul e branco. Esta campanha de obras, que se presume da responsabilidade de João Antunes, terá abrangido outras dependências do convento (Srrão e Meco, ob. cit., pp. 130, 155 e 156).

Igreja de Santiago<sup>12</sup>, espaços que correspondem ao último convento, reconhecidos na planta de 1781<sup>13</sup>.

Posteriormente houve intervenções na época do prior João Pereira Gama, nos anos trinta e em meados de setecentos, no fim do reinado de D. João V, orientadas pelo arquitecto Rodrigo Franco, nomeadamente no refeitório<sup>14</sup>. Na sequência do sismo de 1755, que danificou o edifício, tiveram lugar obras de reparação a cargo dos mestres Pêro Lourenço e Luiz Santos<sup>15</sup>.

O processo de degradação do convento, já notório nas primeiras décadas de oitocentos, acentua-se após a extinção, ao longo da centúria, estando então tutelado pelo Ministério da Guerra. Este percurso de profunda degradação do convento e da igreja, que incluiu a delapidação de muito do seu recheio decorativo arquitectónico, continua durante a 1ª República, apesar da classificação da igreja e do castelo como Monumentos Nacionais. A partir de 1933 a DGEMN inicia uma intervenção de restauro que vai incidir essencialmente na igreja e em parte do castelo. O convento permanece em ruínas, sendo reabilitado apenas nos anos setenta do século passado, com a reconversão da ruína em pousada de turismo.

### Os dados cartográficos

A mais antiga planta do convento, datada de 1699 ou mesmo anterior, pode ser observada na «Planta do Castello da villa de Palmella», dos fundos da Biblioteca Nacional, de João Tomás Correia.. As partes correspondentes ao convento estão legendadas da seguinte forma: *D - Convento dos Freires; E - Igreja do mesmo Convento; F - Igreja Matris; G - Porta da Fortificação;* (Fig. 4)<sup>16</sup>. O «Convento dos Freires», é

---

<sup>12</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho, 25/17 - fl. 6 a 9 v.

<sup>13</sup> Foi no priorado de D. José Pereira de Lacerda que teve lugar a obra de pintura de brutescos, entalhe e douramento do arco da capela-mor e dos altares, orçada em 900.000 reis, além da execução de um órgão acharoadado, de uma capela-oratório e de obras no refeitório do convento ( TT, *Livro dos Copos*, doc. 333, 1716, fl. 469, in *Militarium Ordinum Analecta*, 7, Livro dos Copos, Vol. I, dir. L. Adão da Fonseca, Fundação Eng. António de Almeida, 2006, p. 674; Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., p. 130 e 144)

<sup>14</sup> Vítor Serrão e José Meco, ob. cit., pp. 130, 155 e 156. Para outras informações artísticas relativas ao convento setecentista e oitocentista consultar, da mesma obra, pp. 152 a 160.

<sup>15</sup> Sousa Viterbo, 1992, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, I.N.C.M., Lisboa, p. 220-22.

<sup>16</sup> Transcrição da legenda: «A - O Castello Antigo; B - O Recinto da nova fortificação; C - A estrada em cuberta e revelim; D - Convento dos Freires; E - Igreja do mesmo Convento; F - Igreja Matris; G - Porta da Fortificação; H - 5 Casas do Governador com 5 quartéis por baixo; I - Casa do Apontador e do Governador; L - Quartéis para soldados 5 por baixo e 5 por cima; S - Sisterna; T - Sisterna que começaram; V - Vedoria da fortificação;

apresentado com uma traça trapezoidal adossada à muralha norte, que devia corresponder sensivelmente à primitiva estrutura, ou seja, ao convento quatrocentista. A sul e a poente a extensão ocupada pelo edifício era mais limitada, observando-se um vazio que posteriormente daria lugar à extensão do novo edifício. No pátio fronteiro da igreja não haveria edificações no séc. XV e, no XVI, não é seguro que tivessem existido. A intervenção arqueológica realizada neste espaço, comprova isto mesmo. Em 1614, quando Filipe II visita o convento, é mencionado um átrio que servia a Igreja de Santiago<sup>17</sup>.

Efectivamente, outros indicadores arquitectónicos corroboram esta leitura, nomeadamente paramentos da muralha norte e da face interna da muralha poente, no pátio da actual pousada, onde ainda subsistem restos de antigas arcarias.

A «*Planta Geral da Fortificação Antiga e Moderna de que se Compoem o Castello de Palmella com todos os mais Edifícios Comprehendidos dentro das mesmas Muralhas sendo o mais Principal o Convento Cabeza da Ordem dos Cavalleiros profeços na Ordem de Santiago da Espada (...)*», de 1781, da autoria de Manoel Caetano de Souza, encomenda de D. Maria I, revela-nos com grande detalhe os dois pisos do novo e último convento. Através deste documento cartográfico sabemos que boa parte do piso térreo estava destinado a áreas de serviço e armazenamento, incluindo celeiros para o trigo e cevada, os celeiros de partição, as arrecadações para o azeite, as galinhas, a lenha e ainda a casa do cozinheiro e quatro pequenas cavalições particulares. No piso superior localizavam-se as dependências principais: as celas (de noviços, do mestre de noviços e de freires não capitulares), três salas de hospedaria, a livraria e a casa do cárcere, o cartório e a casa do capítulo.

No exterior assinala-se um escadório, correndo até às paredes da Capela do pátio defronte à entrada principal. O acesso do convento ao exterior fazia-se, como actualmente, pela *Portaria do Côro*. A alusão ao claustro é particularmente importante porquanto Manuel Caetano de Sousa distingue as *naves do claustro antigo e incompleto da nave do claustro principiado de novo*.

---

*Este Castello está numa altura iminente e a vila fica ao pe delle pela parte do sul esta sitiada em ma(...) por serem as ruas de roxa e de calecha custozas de subir».*

<sup>17</sup> Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho -25/17 (237 fls), fol. 6 a 9 v.- *D. João V visita o convento (1711)*, Notícia escripta por Baltazar José Gaspar, freire capitular e escrivão do cartório, vide «Livro de Copos do Convento da Ordem de Santiago de Palmela», p. 483.

## **A intervenção arqueológica no pátio fronteiro à Igreja de Santiago**

Em 2003, a ENATUR, com projecto da DGEMN, tencionava proceder a obras de remodelação da pousada foi neste âmbito que realizámos uma intervenção arqueológica na área do pátio fronteiro à Igreja de Santiago.

Nesta escavação do pátio registaram-se vários muros (n<sup>os</sup> 1 a 5) que definiam compartimentos (n<sup>os</sup> 1 a 3) e parte de uma cisterna. As obras de remodelação do convento moderno são constatadas no espaço escavado. É o caso dos Compartimentos 1 e 2, que inicialmente terão constituído um espaço único, presumivelmente de circulação<sup>18</sup>. Uma sucessão de degraus, abrangendo toda a extensão dos Compartimentos 1 e 2, elucida-nos sobre a primitiva entrada da igreja, servida, no séc. XV, por uma grande escadaria de 7 ou 8 degraus, seguida de patamar. Os degraus foram escavados no calcoarenito local e no patamar de acesso à porta principal situava-se um sistema de drenagem das águas pluviais. O canal foi obtido do corte da rocha formando uma cavidade de perfil em U, revestida na base por tijoleiras vermelhas e cobertura de lajes ligeiramente afeiçoadas. Este canal de escoamento é uma obra contemporânea do último convento.

Se observarmos a planta de 1781, veremos que as únicas estruturas identificáveis a partir da traça do piso térreo do convento são o muro 3 e o muro 4. O muro 4 faria parte da parede leste do convento e o muro 3 era parte de um compartimento rectangular que fechava do lado da cisterna. A edificação do novo convento foi responsável pela anulação da escadaria que emoldurava a entrada principal da igreja.

A construção da cisterna deve ter ocorrido em data bastante posterior uma vez que não vem assinalada neste local na planta de 1781. Está bem definida nas fotografias das obras de adaptação do convento a pousada. Trata-se de uma cisterna com abóbada de meio-canhão, munida de contrafortes em cada uma das paredes laterais, que suportariam os arcos da abóbada.

A implantação do muro 1, a parede sul da cisterna, faz-se sobre o muro 4, levando-nos a crer que em finais do séc. XVIII ou inícios do XIX se terá decidido avançar

---

<sup>18</sup> Veja-se a estratigrafia geral no Anexo 8.

com esta obra, abrindo (ou alargando) o pátio defronte à igreja. Antes do início das obras de 70 não havia realmente edificações nesta área (Cópia DGEMN nº 4).

### **Espólio**

A área escavada corresponderia, pois, às dependências de trabalho do convento, com oficinas e arrecadações, incluindo possível área de armazenamento de produtos alimentares e até de confecção de alimentos, como a lareira identificada num dos compartimentos parece indicar. É bem possível que a casa do cozinheiro se situasse aqui.

A fauna está representada por escamas e espinhas de peixe, conchas de mexilhão, de ameijoia e de berbigão e ossos, predominantemente de mamíferos.

A loiça usada no convento incluía peças em cerâmica comum, lisas, alisadas ou modeladas, com a variedade de formas que a cozinha e os usos quotidianos exigiam: panelas, caçarolas, tigelas, pratos, jarros, pucarinhos, potes, alguidares. O já citado orçamento do séc. XVI apresenta-nos uma listagem no seu rol de compras com perfeita correspondência: púcaros, jarros, potes para água, copos, tigelas, alguidares. As tigelas, as bacias e os *farceiros* são indicados como *vasos de água*<sup>19</sup> e os alguidares são referidos como necessários para “ensaboar os corporais”. No documento há também referência ao transporte de louça de Lisboa<sup>20</sup>, comprovando a aquisição, pelos freires, de exemplares fabricados na cidade, decerto os de maior qualidade, nomeadamente as faianças e as tacinhas e pucarinhos moldados. Note-se que nos sécs. XVII e XVIII o convento encomendava expressamente ao oleiro tigelas e pratos de faiança pintada a azul com a cruz-espada de Santiago e a inscrição COMVENTO, de que recolhemos vários fragmentos.

Outras recolhas incluem predominantemente faianças decoradas a azul embora também exista a associação do azul-verde e castanho anilado. Às temáticas decorativas citadas acrescentam-se os esquemas das “três contas” e elementos florais estilizados.

Ainda do mesmo orçamento se listam vários materiais em ferro ou outros metais: chaves, fechaduras, ferragens, ferrolhos, arcos para pipas e toneis, pregos,

---

<sup>19</sup> Joel Mata, ob. cit., p. 96.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

facas, alfinetes, agulhas e um *candeeiro das trevas*, em ferro. A escavação forneceu algumas ferragens, abundantes pregos, um dedal e alfinetes de cabeça esférica, em bronze. Foram também exumados vários fragmentos de cachimbos em caulino, um pente em osso, peças de jogo.

Do conjunto faz parte um pequeno frade em terracota, com 2 cm de comprimento, que mostra o hábito com capuz, as mãos unidas junto ao peito, cabelo sobre os ombros e barba. Na parte superior da cabeça apresenta um pequeno orifício onde está inserido um arame que serviria para o suspender ou prender.

### **Conclusões**

Através desta escavação arqueológica, foi possível confirmar que boa parte da área do pátio, particularmente junto às paredes do actual edifício, foi esvaziada e depois entulhada de novo, o que justifica a grande mistura de materiais dos sécs. XVII a XX. Concluiu-se também que o novo convento da Ordem de Santiago, construído entre a segunda metade do séc. XVII e o início do séc. XVIII, não aproveitou anteriores estruturas neste espaço e sofreu várias obras de remodelação ao longo dos sécs. XVIII e XIX.

Como referimos anteriormente, a maior parte das dependências do convento do séc. XV coincidiria espacialmente com a área do convento moderno, mas este pátio foi, numa primeira fase, um espaço isento de construções. Efectivamente entre o espólio recolhido predomina o dos sécs. XVII a XX, ocorrendo embora algumas cerâmicas dos sécs. XV e XVI. Há no entanto que ter em conta o profundo esvaziamento a que foi sujeita quase toda esta área.

Subsiste, do lado norte, uma porta com arco ogival aberta no que resta de uma parede, que presumivelmente fecharia ao exterior todo este espaço .

A vocação turística e cultural conferida hoje ao convento e à igreja, permitem-lhes a sobrevivência e a fruição pública.